

RELIGIÃO E CINEMA: UMA TEOLOGIA CRÍTICA, PARA UM CATECISMO CONSCIENTE

RELIGION AND CINEMA: A CRITICAL THEOLOGY, TO A CONCIOUS CATECHISM

Válter Aparecido Barcala

Faculdade da Aldeia de Carapicuíba

DOI: 10.25768/20.04.01.008

RESUMO: A religião, seja qual for, é um fator de aglutinação social e, também de degradação. A busca pelo sagrado é uma resposta a todas as indagações do homem, uma forma de amenizar sua condição mortal acreditando numa vida pós morte. Na História das civilizações e na História do próprio homem, vemos a influência da religião na construção de uma hierarquia social, na dominação e na subserviência. Não nego a necessidade da fé, do acreditar em “algo, alguém ou alguma coisa”, mas as religiões e doutrinas foram ‘construídas’ por homens que se diziam ser instrumentos, ou portadores da vontade de um ser e, no momento que começam a escutá-lo, seguidores se multiplicam, lideranças surgem, leis, princípios e dogmas são criados, são organizados. Dissidências aparecem, outras religiões ou doutrinas surgem; em um processo de décadas ou centenas de anos, toda uma sociedade adota ou se converte aos princípios destas “novas” doutrinas. Mas, tudo começou com um homem, com uma ideia. Onde está a verdade? O cinema enquanto instrumento pedagógico nos possibilita fazer uma leitura não dogmática das questões religiosas de uma forma dinâmica e multidisciplinar. Tomando por referência a longa metragem *O Auto da Compadecida*, de Guel Arraes, baseado no livro homônimo de Ariano Suassuna, percebemos na leitura destes documentos os desvios de conduta a qual os cléricos estão sujeitos. A busca pelas ‘verdades’ nos textos sagrados é uma constante. Questionar certas atitudes de membros da Igreja, questionar a “leitura e abordagem” de determinados textos nos possibilita a construção de um catecismo mais dinâmico, tendo como plataforma o cinema nacional.

PALAVRAS-CHAVE: religião; teologia; cinema.

© 2020, Válter Aparecido Barcala: Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, especialista em Metodologia da História no Processo Ensino-aprendizagem e especialista em Teologia, licenciado em Estudos Sociais, Pedagogia e Geografia.

© 2020, Universidade da Beira Interior.

O conteúdo deste artigo está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização do editor e do(s) seu(s) autor(es). O artigo, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

ABSTRACT¹: The religion, whatever it may be, is a factor of social agglutination and, also degradation. The search for the sacred is the answer of all the human inquiry, it is a way to soften its mortal condition believing in life after death. In the history of the civilizations and in the history of the man, we can find the influence of the religion in the construction of a social hierarchy, in domination and subservience. I don't deny the need of the Faith, in believing in a divinity or in "something", but the religions and doctrines were 'built' by men who claimed to be the instruments, or bearers of someone's will and, in the moment people started to listen to them, the followers multiply, leaderships arise, laws, principles and dogmas are created, are organized. Dissidents appear, other religions or doctrines arise; ; in a process of decades or hundreds of years, a whole society adopts or converts to the principles of these "new" doctrines. But, it all started with a man, with an idea. Where is the truth? The cinema, while pedagogical instrument enable us of doing a non dogmatic reading of the religious questions in a dynamic and multidisciplinary way. Taking by reference the movie *O Auto da Compadecida*, from Guel Arraes, based on the homonymous book of Ariano Suassuna, we realize in the Reading of these documents the deviation of conduct from the clergy. It is constant the search for 'truths' in the sacred texts. Questioning certain attitudes of members of the Church, questioning the "reading and approach" of certain texts enables us to construct a more dynamic catechism, having as a platform the national cinema.

KEYWORDS: religion; theology; cinema.

Índice

1	Religião e Cinema; uma união possível	2
2	Não podeis servir a Deus e ao dinheiro	4
3	(...) A morte e a morada dos mortos entregaram de volta os seus mortos. E cada um foi julgado conforme sua conduta. (Apocalipse; 20, 13)	5
4	A constituição do povo de Deus; uma aula de catecismo no filme <i>O Auto da Compadecida</i>	6
5	O purgatório, o inferno e o céu	8
	Considerações finais	10
	Referências	11

1 Religião e Cinema; uma união possível

NO filme *O auto da compadecida*, História e Religião se entrelaçam. A História das pequenas cidades do interior do Brasil, dos sertões, como diria Euclides da Cunha², são regidas por uma forte religiosidade e dominadas, ainda hoje, por uma política de coronelismo. O homem simples, o sertanejo, é uma peça no jogo de poder, é o alicerce que sustenta com sua força e com suas esperanças as elites. Uma constante na História das Civilizações.

Na antiga Grécia os deuses eram descritos como divindades poderosas, mas possuíam os mesmos defeitos do homem; ganância, ciúme, raiva, luxúria. A alusão a esses "defeitos" são uma constante nas

¹Abstract de Camila Missias Barcala, professora da Escola CCAA-Hispano Americana de Idiomas, bacharel em Propaganda e Marketing pela Universidade Paulista-UNIP.

²Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha nasceu em Cantagalo (RJ), no dia 20 de janeiro de 1866. Foi escritor, professor, sociólogo, repórter jornalístico e engenheiro, tendo se tornado famoso internacionalmente por sua obra-prima, "Os Sertões", que retrata a Guerra dos Canudos.

narrativas. O Deus dos hebreus também apresenta certos traços “humanos”. Por egoísmo proibiu Adão de comer da árvore do conhecimento (Gênesis 2,17) pois não queria que o homem conhecesse o bem e o mal, por raiva pela desobediência ele expulsa Adão e Eva do Éden, muito depois, Deus se arrepende de ter criado o homem e de ter dado a ele o livre arbítrio e decide aniquilar todo ser vivo (Gênesis 6, 5-7). Ele, Javé em Êxodo 20, 5 afirma:

Não se prostre diante desses deuses, nem sirva a eles, porque eu, Javé seu Deus, sou um Deus ciumento: quando me odeiam, castigo a culpa dos pais nos filhos, netos e bisnetos. (Ex. 20, 5)

Muitos outros exemplos de sentimentos humanos demonstrado por Javé podem ser extraídos dos textos sagrados, mas o importante é reconhecermos que uma leitura literal da Bíblia aliena. Os textos sagrados são testemunhos de fé, são preceitos que buscavam e buscam dar um norte para os que tem dúvidas.

Mas a Bíblia não é simplesmente um livro de fé, um livro religioso. A Bíblia narra a história do povo hebreu. A ciência História demonstra que muitos dos eventos narrados em seus livros realmente aconteceram, tratados de forma alegórica, interpretados ou descritos como ações da ira divina; o Dilúvio, a destruição das cidades de Sodoma e Gomorra, a destruição das muralhas da cidade de Jericó, a travessia do Mar Vermelho, são exemplos desses acontecimentos.

A difusão do cristianismo também é um fato a ser analisado à luz da História, pois ele (o cristianismo), não se desenvolveu apenas porque trazia uma palavra de salvação, floresceu principalmente por uma questão política. O Império Romano controlava toda a Europa, o norte da África, e uma grande parte da Ásia, e com a conversão do Imperador Teodósio no ano de 313

d.C. a seita dos cristãos se tornou a religião oficial deste imenso império.

Instruído em uma família cristã, Teodósio foi pouco a pouco se submetendo às decisões de Ambrósio, presbítero da Igreja de Milão, a ponto de afirmar: “sem dúvida, Ambrósio me fez compreender pela primeira vez o que deve ser um bispo”.

A Igreja começa a partir daí a sobrepujar o poder político.

Na Idade Média o poder da Igreja Católica cresceu em todos os campos; no religioso, econômico, social, jurídico e principalmente no campo político. Também se dividiu em muitas ordens religiosas, que apesar de seguirem as diretrizes de Roma, demonstra que as ideias e conceitos sobre o sagrado não eram únicas. No filme *O Nome da Rosa*, de Jean-Jacques Annaud, baseado no livro homônimo de Umberto Eco, essa “divisão” na Igreja Católica fica evidente nas disputas ideológicas e políticas entre os franciscanos, dominicanos e beneditinos. Uma das razões desta cisão ideológica no seio da Igreja foi seu crescimento político-econômico.

Entre os séculos v e o xv, aproximadamente, ela dominou cerca de dois terços do território europeu, num período em que a riqueza era medida pelo tamanho da propriedade, a Igreja era a mais rica e poderosa instituição, uma verdadeira “senhora feudal”.

Muitos acreditavam que esse poder político-econômico era uma afronta aos princípios primitivos da religião católica e passaram a se concentrar em ordens religiosas. Desta forma surgiu no clero duas vertentes; uma que administrava os bens da Igreja, o clero secular, e outra vertente denominada de clero regular, responsável pela pregação dos valores cristãos.

No filme *O auto da Compadecida*, direção de Guel Arraes, baseado na obra de Ariano Suassuna, dois membros do clero regular da Igreja Católica são personagens importantes no desenvolver da trama, e para

o desenvolvimento deste artigo são peças chave, pois esses dois personagens demonstram como o poder, seja ele qual for, corrompe os ideais dos homens e as leis de qualquer instituição. Quando a sociedade não é instruída, quando é negado o conhecimento ao homem, ele se torna brinquedo nas mãos dos poderosos. A cultura, o conhecimento, a escolarização, são as armas que dispomos para lutar contra um sistema que nos oprime. E o conhecimento pleno só é alcançado quando analisamos de forma interdisciplinar as informações que nos chegam. O Cinema é um importante documento visual, ele é fruto de uma época, de uma ideologia. O Cinema histórico, o Cinema religioso, são importantes instrumentos pedagógicos. Mas, antes de tudo temos que aprender a ler as informações contidas neles.

O filme *O auto da Compadecida* retrata não só a cultura material, mas também a cultura imaterial das pequenas cidades do sertão, retrata o poder e a influência da Igreja na vida do sertanejo.

A personagem central da trama é João Grilo (interpretado por Matheus Nachtergaele). Personagem comum nos contos populares de Portugal, mas, a menção mais antiga da personagem encontra-se em uma obra italiana, o *Pentamerone* de Giambattista Basile, coletânea de contos de fadas publicado entre 1634/36, Basile numa rápida passagem cita o Maestro Grillo, personagem principal de uma obra cômica.

O filme *O Auto da Compadecida*, não tem a finalidade pura e simplesmente de fazer rir, mas fazer pensar, criticar certas imposições e posicionamentos da Igreja e de alguns de seus membros frente aos preceitos do cristianismo. Como afirma o historiador Marc Ferro:

Assim como todo produto cultural, toda ação política, toda indústria, todo filme tem uma história que é História, com sua rede de relações pessoais, seu estatuto dos

objetos e dos homens, onde privilégios e trabalhos pesados, hierarquias e honras encontram-se regulamentados, os lucros da glória e os do dinheiro são aqui regulamentados com a precisão que seguem os ritos de uma carta feudal [...]”. (Ferro, M., 1992, p. 17)

2 Não podeis servir a Deus e ao dinheiro

Em Lucas 16,13 Jesus afirma, “*não podeis servir a Deus e ao dinheiro*”. No filme *O Alto da Compadecida*, padre João (Rogério Cardoso, 1937-2003) e também o bispo (Lima Duarte) mostram o seu apego ao dinheiro, a preocupação de ambos em não criarem conflitos com o major Antônio Moraes (Paulo Goulart, 1933 – 2014), nos remete ao estado laico, mas ao mesmo tempo demonstra o interesse de alguns religiosos em usufruir do prestígio e do dinheiro dos poderosos para seu bem estar próprio e da instituição. Infelizmente essa visão vem se perpetuando no seio da Igreja. A avareza, tendo por sentido o desejo de possuir, de ganância, faz parte do conjunto dos sete pecados capitais compilados pelo papa Gregório Magno no século VI, tendo por referência as cartas de São Paulo, esses “pecados capitais” foram oficializados no século XIII com a *Suma Teológica* de São Tomás de Aquino.

Na história da Igreja, em muitos momentos, eclesiásticos pecaram. A Igreja para crescer e enriquecer uniu-se a reis e imperadores. Membros da cúpula da Igreja pecaram ao venderem encargos civis da Santa Sé; pecaram por simonia, pecaram pela venda de indulgências, de relíquias, de imagens. Ainda hoje as denúncias são uma constante. Recentemente documentos e gravações confidenciais foram divulgados para jornalistas italianos, segundo consta, foram desviados quase 400 milhões de euros do Óbolo de São Pedro. Lojas criadas na Santa Sé para atender funcionários e turistas estão operando no vermelho, refor-

mas em apartamentos utilizados por cardeais foram bancados por dinheiro destinados ao atendimento de pessoas carentes. É, a História se repete, a primeira vez como tragédia, e a segunda como farsa, como dizia Karl Marx.

No filme, ainda na primeira cena, para angariar “fundos” padre João organiza a exposição de um filme sobre Jesus Cristo, durante a exibição vemos padre João contando o dinheiro arrecadado com um ar de regozijo, já demonstrando seu apreço as coisas mundanas. Logo depois, padre João reaparece discutindo com João Grilo e Chicó (Selton Mello) sobre o “benzer ou não benzer” uma “cachorra” e só concorda depois de enganado por João Grilo que afirmou que o animal pertencia ao major Antônio Moraes, demonstrando interesse em fortalecer as relações com alguém de prestígio, poder e dinheiro. Logo depois descobre que na verdade o animal pertencia a Dora (Denise Fraga), mulher do padeiro Eurico (Diogo Vilela), e voltou atrás na decisão de dar sua benção ao animal doente. Toda discussão recomeça, benze não benze, só se decide quando novamente João Grilo diz que a “cachorra” tem um testamento e que este doava “três contos” para o padre. Várias discussões e agora o Bispo se envolve na problemática, e fica interessado quando João Grilo afirma que também a diocese era beneficiária no testamento. Isso demonstra que a corrupção e simonia está enraizada no seio da Igreja. O filme é uma comédia, mas nos faz questionar o quanto o homem está corrompido em seus valores.

Para Ângela Almeida,

O cinema nos comprova como veículo a sua capacidade de ativar memórias, nos transportar para arquétipos, nos tornar bons e maus, estrelas ou mendigos, ex-

perimentar amores e desamores, mortes e suicídios, gozos, alegrias ou desejos nunca revelados. Através do cinema é possível acessar inúmeras memórias e várias linguagens, acontecendo identificações ou não e articular vida real e imaginária. (Almeida, 2008, p. 74)

3 (...) A morte e a morada dos mortos entregaram de volta os seus mortos. E cada um foi julgado conforme sua conduta. (Apocalipse; 20, 13)

Vi então os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono. E foram abertos livros. Foi também aberto outro livro, o livro da vida. Então os mortos foram julgados de acordo com sua conduta, conforme o que estava escrito nos livros. (Ap. 20, 12)

Outra cena marcante no filme é a invasão da cidade por cangaceiros. Seu líder, Severino de Aracaju (Marco Nanini), invade a igreja e depois de roubar o padre e o bispo, reúne em seu interior o padeiro Eurico e Dora, sua mulher, o bispo e padre João, João Grilo e Chicó. Manda seu imediato matar os quatro primeiros, mas quando se preparava para matar João Grilo e Chicó é enganado por João que afirmava possuir uma gaita benzida por padre Cícero³, e que essa gaita tinha o “poder” de reviver os mortos.

Padre Cícero Romão Batista é outra belíssima história a ser trabalhada; uma das figuras mais emblemáticas na religiosidade do sertanejo, foi perseguido por alguns cléricos devido seu apego a religiosidade popular, principalmente depois do episódio

³Padre Cícero Romão Batista, nasceu em Crato, Ceará em 24 de março de 1844, ingressa no Seminário da Prainha, em Fortaleza, no ano de 1865, em 1870 é or-

denado padre. Morreu no ano de 1934, em Juazeiro do Norte, Ceará.

do suposto milagre ocorrido em uma missa onde ao dar a comunhão a uma de suas beatas, a hóstia converteu-se em sangue. Depois desse acontecimento sua fama de milagreiro espalhou-se por todo Nordeste.

Na vontade de conhecer padre Cícero, seu guia espiritual, Severino faz um acordo com João Grilo e obriga seu imediato a lhe dar um tiro, morto, encontra aqueles que tinha condenado à morte em uma fila junto com dezenas de sertanejos, homens e mulheres mortos no ataque à cidade.

O cangaceiro Severino de Aracaju, marginal, assassino confesso de muitos, é um temente a Deus e as “ordens” da Igreja e principalmente, alienado por um modelo místico religioso pregado e difundido por padres ou “líderes religiosos” leigos, que procuram confortar todos os sofrimentos do homem, Severino, assim como uma grande parcela do povo das regiões pobres e dominadas por poderosos coronéis, busca nas palavras desses líderes um sentido para a vida e para muitos uma justificativa para seus atos. Severino se apega as imagens, seu chapéu é enfeitado com ícones religiosos, traço comum não apenas nos típicos chapéus de cangaceiros, mas na maioria dos cristãos, que apesar de negar a idolatria das imagens, usam-nas como uma referência, criando um elo com o santo representado. Essa “referência”, é uma tentativa de ver seus pecados perdoados, é uma falsa garantia.

O filme *O Auto da Compadecida* é um importante instrumento pedagógico e deveria ser trabalhado nas aulas de catecismo ou de Ensino Religioso, pois os pecados do homem e as leis de Deus que estão sendo renegadas pelas sociedades estão ali representadas. Em Êxodo 20,1-17, são elencados os mandamentos de Deus. Na exposição do longa podemos trabalhar cada um deles.

4 A constituição do povo de Deus; uma aula de catecismo no filme *O Auto da Compadecida*

O primeiro mandamento: *Amar a Deus sobre todas as coisas.*

No longa não são mencionados outros deuses, mas a forma que o apreço ao dinheiro é colocado podemos aludir que a Igreja está servindo apenas como um meio para se chegar ao pretendido numerário, este de forma simbólica verdadeiro instrumento de veneração pois a trama do longa gira em torno desse assunto, isto é, uma busca imoral, antiética e criminosa pelo enriquecimento monetário. O dinheiro se faz necessário para uma pessoa se manter e constituir família, por mais simples que seja o padrão de vida, em algum momento o dinheiro será uma necessidade, seja para comprar uma peça de roupa, algum alimento ou remédio. A Igreja também precisou, e precisa de dinheiro para se manter, para manter obras assistenciais ao redor do mundo e para crescer enquanto instituição, e pecou. Negociou cargos civis e eclesiais da Santa Sé, vendeu indulgências e bênçãos de imagens e relíquias, cobrou e ainda cobra por sacramentos (Rendina, 2009).

O segundo mandamento da lei de Deus: *Não pronunciar o nome de Deus em vão.* Pensando no filme como um produto comercial, ele por si só já é uma ofensa a esse mandamento, mas tomando o longa enquanto plataforma pedagógica, em várias cenas vemos o nome de Deus ser mencionado de forma leviana. O terceiro mandamento da lei de Deus citado no Velho Testamento, *Lembre-se do dia de sábado, para santificá-lo* (Êx 20, 8) foi o dia que Deus descansou depois de terminar a criação, os cristãos substituíram pelo domingo, o dia da Ressurreição de Cristo, ou o dia do Senhor. No longa temos a menção de uma missa oficializada pelo Bispo e assessorado por padre João, o dia da semana não é mencionado, mas fica a questão, determinadas passagens

da Bíblia podem ser alteradas para adequar as vontades do homem. É uma questão polêmica; quanto das Escrituras Sagradas foram alteradas, acrescentadas ou suprimidas por questões ideológicas, políticas ou puro preconceito de um escriba ou tradutor.

O quarto mandamento; *honre seu pai e sua mãe*.

No desenrolar da trama, a filha do major Antônio Moraes, Rosinha (Virgínia Cavendish) chega da capital e pouco depois, novamente João Grilo “arma” para juntar Chicó e a garota. Dentro do modelo de família patriarcal onde o pai impõe as regras uma pequena discussão começa, o major querendo impor sua vontade e Rosinha tentando manter sua independência. Mas ao ver que o pretendido noivo era Chicó, Rosinha diz: [...] pai prefiro morrer (pausa) mas já que o senhor insiste [...] então a gente se casa na semana que vem [...] eu tenho mais é que lhe obedecer a meu pai. Neste pequeno trecho cômico (suprimido as falas do major) podemos aludir ao mandamento que afirma “*honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor, teu Deus, te dá*”.

(Êx 20,12). Os pais são os responsáveis por transmitir os primeiros conhecimentos, a ensinar o que é certo e o que é errado no meio social, e também na fé e nas virtudes. De certa forma ao honrar os pais, os filhos deverão seguir o que foi ensinado, uma forma de coesão social e de perpetuação de determinados modelos culturais. Rosinha deturpou o quarto mandamento, o moldou às suas vontades.

O quinto mandamento afirma; “*não matar*”, este mandamento será ignorado no longa, Vicentão (Bruno Garcia) amante de Dora, em determinadas cenas afirma “estar com vontade de matar um...”, mas as cenas mais contundentes de assassinato se encontram na já citada sequência da invasão da cidade por Severino de Aracaju e seu bando, onde a mando de Severino, seu capanga (Enrique Diaz), fuzila o padeiro e

sua mulher, padre João e o bispo. Depois Severino, enganado por João Grilo, e na esperança de encontrar padre Cícero manda seu capanga atirar nele, também temos a morte de João Grilo, assassinado quando o capanga percebeu toda a armadilha. Muitas mortes.

A vida humana não tem valor em uma sociedade materialista e cheia de desigualdades sociais, racista, preconceituosa e corrupta. Este mandamento da lei de Deus, assim como outros foram esquecidos.

O sexto mandamento, *não pecar contra a castidade*.

Dora, a mulher do padeiro é uma adúltera, em determinadas cenas se insinuava para os homens com roupas provocantes, com palavras e gestos. Dora, mesmo casada com Eurico, tinha um amante, Vicentão, e promovia encontros em sua casa quando seu marido não estava presente. Em outra cena insinua-se para Chicó, e o leva para sua cama, mas foram interrompidos com a chegada de Vicentão. Também se insinuou para Severino de Aracaju, o cangaceiro. Se o verdadeiro templo do Senhor e o corpo do homem, temos que respeitá-lo, temos que nos respeitar. O sétimo mandamento, *não roubar*, também tem como referência a sequência da invasão da cidade, Severino de Aracaju, rouba o dinheiro da Igreja, do padre e do bispo. Do bispo também rouba seu anel episcopal. Rouba o dinheiro que estava no cofre da padaria e alguns mantimentos que guarda em seu embornal.

O oitavo mandamento, *não levantar falso testemunho*, João Grilo é um mestre em “quebrar” esse mandamento, durante todo o filme João Grilo mente, levanta falso testemunho, maledicências, calúnias. Chicó também vai contra esse mandamento, ajudando nas armações de João Grilo. Outros personagens do longa também quebram o oitavo mandamento, mas não superaram João Grilo e Chicó.

O nono mandamento; *não desejar a mulher do próximo e o décimo mandamento; não*

cobiçar as coisas alheias também são encontrados no longa *O auto da Compadecida*. Em várias cenas vemos Dora se insinuar para os homens, e eles a desejam, Vicentão é seu amante, e até Chicó, seduzido por ela, acaba desejando-a. São exemplos claros desse pecado cometido por aqueles que a desejavam. Para se trabalhar o décimo mandamento, temos a cena em que o maior Antônio Moraes apresenta um cofre de madeira, em forma de porco, dizendo ser o dote de Rosinha, sua filha, quando se casar, logo João Grilho e Chicó demonstram interesse, desejo em possuir seu conteúdo. Mas este não é o único exemplo, outros podem ser encontrados;

Não cobice a casa do seu próximo,
nem a mulher do próximo, nem o
escravo, nem a escrava, nem o boi,
nem o jumento, nem coisa alguma
que pertença ao seu próximo. (Ex
20, 17)

Excluindo a referência aos escravos, no longa, temos todos os tipos de cobiça. Cobiça pelo poder, pelo dinheiro, por bens materiais, desejo pela mulher. Percebemos assim que o longa é uma verdadeira aula de catecismo, ilustrando cada um dos dez mandamentos da lei de Deus

5 O purgatório, o inferno e o céu

O julgamento das personagens que foram mortas na trama simboliza para o espectador um momento de reflexão, é um momento em que somos confrontados com nossas crenças. A religião é um traço cultural; natural, incorporado ou forçado em uma sociedade, mas independente de qual religião professamos, procuramos seguir seus preceitos ou o que nos é transmitido pelos eclesiásticos. Muitos seguem os preceitos religiosos por medo. Medo do desconhecido, medo da existência de um julgamento assim como nos é ensinado no catecismo. O cristão teme o Inferno, o sub-

mundo, e procura viver dentro dos ensinamentos da Bíblia.

Mas o que é o inferno? o purgatório existe? Se minhas faltas forem pequenas serei condenado ao sofrimento eterno da mesma forma que aqueles que viveram em “grandes pecados”? ou terei minhas faltas perdoadas e irei para o céu?

Na tradição cristã temos um local específico para os pequenos pecados, local de reflexão e de oração. O purgatório. Novamente temos aqui uma dualidade, pois, na Bíblia não é mencionado literalmente a existência desse local, o que temos são referências a ele, como por exemplo:

Se alguém constrói sobre o alicerce com ouro, prata, pedras preciosas, madeira, capim ou palha, a obra de cada um ficará em evidência. No dia do julgamento a obra ficará conhecida, pois o julgamento vai ser através do fogo, e o fogo provará o que vale a obra de cada um. Se a obra construída sobre o alicerce resistir, o operário receberá uma recompensa. Aquele porém, que tiver sua obra queimada, perderá a recompensa. Entretanto, o operário se salvará, mas como alguém que escapa de incêndio. (1Cor 12, 15)

Nesta passagem de Coríntios temos uma “explicação” um tanto vaga da existência de um local onde através do fogo vamos purgar nossos pecados, deixa claro que ao desencarnarmos seremos julgados segundo nossas obras nesta vida, dependendo de nosso legado, seremos recompensados com nossa entrada no céu, ou punidos e enviados ao inferno, mas, podemos ter nossa recompensa depois de um tempo de purificação pelo fogo. Outra passagem que menciona de forma implícita um local ou tempo de expiação está em Mateus:

Se alguém fez alguma acusação contra você, procure logo entrar

em acordo com ele, enquanto estão a caminho do tribunal; senão o acusador entregará você ao juiz, o juiz o entregará ao guarda, e você irá para a prisão. Eu garanto: daí você não sairá, enquanto não pagar até o último centavo. (Mt 5, 25-26)

De forma alegórica Jesus menciona o julgamento final, onde o acusador é o diabo, o juiz é ele próprio, Jesus Cristo, e o réu será julgado segundo suas faltas e poderá ir para a prisão, o Purgatório. E dali só sairá depois de ter “pago” seus pecados. Podemos concluir que a existência do Purgatório é real, mas só temos essa comprovação se interpretarmos algumas passagens das sagradas escrituras.

Na cena do julgamento, temos uma rápida visão do que poderia ser o inferno bíblico. Vemos o fogo queimando os condenados e demônios açoitando pecadores. O Inferno existe, e entre as muitas menções a ele que temos na Bíblia a parábola do homem rico e do homem pobre, é uma das mais explícitas em sua descrição:

Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino, e dava banquete todos os dias. E um pobre, chamado Lázaro, cheio de feridas, que estava caído à porta do rico. Ele queria matar a fome com as sobras que caíam da mesa do rico. E ainda vinham os cachorros lambê-lhe as feridas. Aconteceu que o pobre morreu, e os anjos o levaram para junto de Abraão. Morreu também o rico, e foi enterado. No inferno, em meio aos tormentos, o rico levantou os olhos, e viu de longe Abraão, com Lázaro a seu lado. Então o rico gritou: ‘Pai Abraão, tem piedade de mim! Manda Lázaro molhar a ponta do dedo para me refrescar a língua, porque este fogo me atormenta’.

Mas Abraão respondeu: ‘Lembre-se, filho: você recebeu seus bens durante a vida, enquanto Lázaro recebeu males. Agora, porém, ele encontra consolo aqui, e você é atormentado. Além disso, há um grande abismo entre nós: por mais que alguém desejasse, nunca poderia passar daqui para junto de vocês, nem os daí poderiam atravessar até nós. (Lc 16, 19-26)

Dos seis que foram julgados, apenas Severino de Aracaju foi absolvido, apesar de toda uma vida de crimes, no longa-metragem, Jesus o perdoou, não por que Severino se redimiu, mas por que ele foi levado a uma vida de crimes como consequência do assassinato de seus pais. E ele foi para o céu. Segundo os textos sagrados, o céu, também denominado Paraíso, existe, e a prova mais contundente encontramos em Mateus:

Quando vocês rezarem, (...) vocês devem rezar assim: Pai nosso, que estais no céu, santificado seja o teu nome; venha o teu reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. (Mt 6, 7-10)

Eurico, (o padeiro) e sua mulher Dora, no momento da morte, reconheceram seus pecados e pediram perdão um ao outro, o bispo e padre João reconheceram suas fraquezas e no derradeiro momento perdoaram seus algozes. No momento que Jesus ia pronunciar a sentença destes, João Grilo pede que fossem colocados no Purgatório e Jesus aceita a proposta. Já João Grilo admite sua culpa reconhece que viveu na mentira, enganando e tirando proveito dos outros, talvez mais uma de suas armações, mas, enquanto caminhava para a porta do inferno, Nossa Senhora procura convencê-lo que essas ações era sua arma de sobrevivência, e propõe a seu filho, Jesus Cristo uma segunda chance para João Grilo. E assim como Cristo ressuscitou Lázaro (João

11, 39-44), a filha de Jairo (Lucas 8, 41-55), o filho de uma viúva da cidade de Naim (Lucas 7, 11-15), no longa-metragem, resuscitou João Grilo.

O espaço do julgamento daqueles que foram assassinados por Severino e seu capanga é a própria igreja da cidade, mas em um outro plano de existência e logo se veem frente a frente com seu inquisidor para serem julgados por seus crimes e pecados. O Diabo (Luís Melo) é o promotor, Jesus Cristo (Maurício Gonçalves), é o juiz que irá deliberar sobre o destino dos réus.

Jesus Cristo é representado no longa por um ator afrodescendente, e o fato de Cristo se manifestar como um homem negro, aflora nos presentes preconceito e racismo. Um dos poderes atribuídos a Cristo está presente nesta cena.

Segundo o evangelho de Marcos 16, 12 (...) *depois disto manifestou-se sob outra forma a dois deles que iam de caminho para o campo*; e esta passagem também está em Lucas 24, 13-32. Podemos entender nessas leituras que Cristo tem a capacidade de mudar suas feições e na cena já mencionada esse poder se manifesta causando estranheza a todos os presentes, mas João Grilo em sua simplicidade de sertanejo não esconde seu receio e descrença.

O eurocentrismo se faz presente. A imagem de um Jesus alto, loiro, de olhos claros não condizem com o padrão étnico do homem do Oriente Médio, mas foi essa imagem que se enraizou na sociedade cristã. A cultura europeia impôs seu padrão de estética. A Igreja de Roma “vendeu” a imagem de Cristo para o homem europeu, e a Europa em seu processo de dominação, colonização e aculturação, espalhou essa imagem pelo mundo. Seria possível ao europeu aceitar a imagem de um homem nascido na Ásia, em Israel, na região da Galileia?; um homem de altura mediana, pele escurecida pelo sol, cabelos “encaracolados”? A busca por uma imagem realista da face de Jesus Cristo esbarra em muitos fatores, e entre

eles a falta de uma descrição do messias nos textos sagrados.

Uma reconstrução da possível face de Cristo feita a partir do sudário de Turim não é muito diferente da imagem tradicional e europeia de Cristo, mas o sudário não é reconhecido como autêntico pela ciência. Sua possível origem remonta ao século XIV, em plena Idade Média onde a Igreja Católica é a grande Senhora Feudal da Europa, rica e mecenas de grandes artistas, não seria surpresa se algum clérigo tivesse encomendado a “confecção” desta relíquia. Já aqueles que a defendem como verdadeira apresentam como provas a existência, no tecido, de pólen de plantas que existiam na Palestina no início da era cristã, também, que além do sangue encontrado na peça, elementos produzidos pelo organismo em situações de estresse impregnaram o tecido, outra evidência seria o próprio tecido, pois, o tipo de material e a técnica de confecção são condizentes com os encontrados no século I. Para amenizar essa discussão, no século XIV, o papa Clemente VII, afirmou que na dúvida deveríamos considerar que o sudário era uma pintura representando o verdadeiro sudário usado no corpo de Cristo. Atualmente o Vaticano é neutro nesta questão e afirmam, “não cabe a Igreja, mas sim à ciência, descobrir se a peça é autêntica ou não”. Para os cristãos não importa se o sudário de Turim é falso ou verdadeiro, não é relevante se Cristo era de baixa estatura, moreno e nascido na Ásia central, para o cristão o importante é a mensagem de fé e esperança transmitidas por essas relíquias, por essas imagens.

Considerações finais

Neste pequeno artigo bibliográfico procuramos demonstrar a viabilidade pedagógica de se utilizar de forma interdisciplinar e não dogmática o longa metragem *O Auto da Compadecida* nas aulas de ensino religioso. Entendemos que a Religião, qualquer que seja, não pode submeter o homem a

um processo de alienação e subserviência, as religiões se formam, se estruturam a partir dos anseios e das dúvidas do homem, a religião existe para servir ao homem e não o homem para ser dominado por outros homens que se dizem portadores das vontades de um deus. Os textos sagrados foram escritos para serem exemplos de tolerância e amor, foram escritos para responder perguntas onde as respostas só seriam possíveis no campo da fé. Temos que nos lembrar que a grande maioria dos textos são regras de conduta e convivência elaboradas com a finalidade de promover o desenvolvimento das sociedades. Inspirados por Deus, ou por deuses, a finalidade primeira é a união entre os homens.

O verdadeiro conhecimento só é alcançado a partir das indagações, e devemos estar sempre questionando, este é um dos dons que Deus nos deu.

Fazer do 'cinema religioso', ou de filmes que fazem alusão a questões religiosas aulas de catecismo é uma forma de dinamizar e ilustrar o processo de ensino, devemos instruir na fé as novas gerações, não aliená-las, devemos dar a possibilidade do questionamento, provar que somos falhos, mas livres para buscar o conhecimento e as verdades contidas nos textos, sagrados ou não.

Referências

- (1999). Apocalipse. In *Bíblia Sagrada* (pp. 1589-1614). São Paulo: Edição Pastoral, Paulus.
- (1999). *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Edição Pastoral, Paulus.
- (1999). Coríntios. In *Bíblia Sagrada* (pp. 1460-1492). São Paulo: Edição Pastoral, Paulus.
- (1999). Êxodo. In *Bíblia Sagrada* (pp. 68-115). São Paulo: Edição Pastoral, Paulus.
- (1999). Lucas. In *Bíblia Sagrada* (pp. 1308-1351). São Paulo: Edição Pastoral, Paulus.
- (1999). Mateus. In *Bíblia Sagrada* (pp. 1238-1279). São Paulo: Edição Pastoral, Paulus.
- (s.d.). Biografia de Euclides da Cunha. *Portal Releituras*. Disponível em www.releituras.com/edacunha_bio.asp. Acesso em 22/12/2012.
- Almeida, Â. *et al.* (2008). Os inquietos vão mudar o mundo. In A. Galeno (org.), *Brasil em Tela* (pp. 65-92). Porto Alegre: Ed. Sulina.
- Comblin, J. (1991). *Padre Cícero de Juazeiro*. São Paulo: Edições Paulinas, Coleção Homens e Mulheres do Nordeste.
- Eliade, M. (2005). *O sagrado e o profano* (trad. R. Fernandes). São Paulo: Martins Fontes.
- Ferro, M. (1992). *Cinema e História* (trad. F. Nascimento). São Paulo: Paz e Terra.
- Rendina, C. (2009). *Os pecados do Vaticano: soberba avareza, pedofilia: os escândalos e os segredos da Igreja Católica* (trad. A. Torres). Rio de Janeiro: Gryphus.
- Segalla, G. (2013). *A pesquisa do Jesus Histórico*. São Paulo: Edições Loyola.
- ECO, U. (2010). *O nome da rosa* (trad. A. Bernadini e outro). Rio de Janeiro: Editora Record.

Filmografia:

O Auto da Compadecida. Direção Guel Arraes. Produção Globo Filmes e Lereby Productions. Intérpretes: Matheus Nachtergaele; Selton Mello; Denise Fraga; Marco Nanini; Fernanda Montenegro; Lima Duarte e outros. Roteiro: Guel Arraes, João Falcão e Adriana Falcão. Brasil: Globo Filmes, 1999, DVD (107 min.), son., color.